

Brasil

Suicídio aumenta entre guaranis

■ Cimi registra 27 mortes este ano na área de Dourados

CELSO BEJARANO JR.
Agência JB

CAMPO GRANDE - A cada 15 dias, um integrante da comunidade indígena guarani-caiová, de Mato Grosso do Sul, é encontrado morto, com indícios de suicídio. De janeiro a outubro de 1997, tinham sido registrados 13 suicídios, mas o número subiu para 27, com as 14 mortes ocorridas nos dois últimos meses do ano.

O fenômeno se repete há 11 anos e se agrava nos meses de novembro e dezembro, informa a revista *Por que os guarani e kaiová se suicidam*, publicada semana passada pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi), da Igreja Católica. De 1986 até o início desta semana, foram registradas 158 mortes de índios, a maioria por enforcamento.

Segundo dados do Cimi e da Fundação Nacional do Índio (Funai), os casos aumentam em até 50% nos meses de novembro e dezembro porque nesse período os índios que trabalham em destilarias do estado volta para as aldeias. Na reserva de Dourados, onde vivem 10 mil índios, pelo menos mil trabalham fora da aldeia.

Estudiosos e líderes indígenas apontam como causas dos suicídios a falta de terras e o alcoolismo. Mas uma terceira hipótese foi levantada há duas semanas pelo presidente da Funai, Sullivam Silvestre de Oliveira, que esteve no estado e exigiu mais empenho das entidades ligadas ao índio na apuração de ocorrências

registrados como suicídios, mas que podem ter sido crimes.

Um dos casos que levantaram suspeitas em Sulivam ocorreu na segunda quinzena deste mês na aldeia Jaguapiru, em Dourados, onde um índio caiová de 23 anos foi achado enforcado em uma bananeira. A camisa que vestia estava rasgada, enrolada no pescoço e amarrada no alto da bananeira. Dificilmente a bananeira suportaria o peso do índio, a ponto de causar sua morte por asfixia.

Os dois últimos casos de morte igualmente suspeitos ocorreram em Caarapó, perto da reserva de Dourados. Eliseu Modesto, de 22 anos, enforcou-se em seu barraco, amarrado a um pedaço de madeira. No mesmo dia, um amigo de Eliseu, Ricardo Ortiz Quevedo, de 17 anos, também foi achado morto.

Segundo testemunhas, Ricardo saiu de casa para ir ao velório de Eliseu. No caminho, teria decidido enforcar-se em uma árvore. Tanto Eliseu como Ricardo estavam desempregados e com problemas de dinheiro. Os dois casos estão sendo investigados pela polícia.

Miséria - O Cimi tem registro de casos de índios que se mataram por não suportar a miséria em que viviam. Em setembro de 1994, a guarani Matilde Ramires, de 20 anos, mãe de duas filhas, se enforcou após ter dito ao pai que não agüentava mais "viver sem perspectiva".

O marido de Matilde trabalhava como cortador de cana em uma destilaria de álcool em Naviraí. Fora de casa há três meses, ele não mandava mais dinheiro para Matilde, que estaria passando fome com as filhas.

Atualmente, cerca de mil índios da reserva de Dourados tra-

balham em destilarias e ficam até seis meses por ano fora de suas aldeias. Quando voltam, segundo o capitão Luciano Arévalo, da aldeia Jaguapiru, a reserva vira um caos.

"Estou preocupado. Vai ter muita bebida, baile, briga, tiro, suicídio, estupro... Está chegando muito índio jovem com dinheiro do contrato. Todo ano é assim", diz o oficial.

De acordo com dados levantados pela Funai, em novembro e dezembro aumenta em até 50% o número de suicídios na reserva de Dourados. Nos últimos dois meses, foram registrados 14 suicídios nas reservas de Dourados e Caarapó.

Os guarani-caiová são o grupo indígena de Mato Grosso do Sul que apresenta o maior número de suicídios. Das 158 mortes computadas desde 1986, 43% ocorreram em Dourados. Segundo a revista do Cimi, escrita por Maucir Pauletti, Nereu Schneider e Otávio Mangolim, os índios não se sentem bem em falar sobre os suicídios, mas dão pistas que poderiam explicar o comportamento de autodestruição.

Vergonha - Nas conversas, os índios reclamam da falta de terras para trabalhar e se consideram abandonados pelo governo. Muitos mencionam também as brigas de casal como motivo de insatisfação. A revista do Cimi revela também que é crescente o número de jovens que se envergonham de ser índios.

Dos 45 mil índios de Mato Grosso do Sul, 24 mil são guarani-caiová. Eles habitam uma área de 39 mil hectares, mas desde 1950 reivindicam a posse de outras áreas, que, somadas à atual reserva, totalizariam uma extensão de 70 mil hectares.